

Da memória à identidade em *The Solid Mandala*, de Patrick White

TIAGO FERREIRA PEREIRA *

MONICA STEFANI**

ROSANI KETZER UMBACH**

RESUMO: Em *The Solid Mandala* (1966), o escritor australiano Patrick White tece uma narrativa que emprega uma configuração estética comum à representação da memória e da identidade em textos literários. Tendo como expoente essas duas temáticas, este artigo oferece uma leitura possível e breve do romance, explicitando a forma como as temáticas da memória e da identidade se desenvolvem uma em relação à outra, retroalimentando-se. Para isso, este artigo focaliza a figura dos protagonistas, os irmãos gêmeos Waldo e Arthur Brown. Conceitos-chave de autores como Bauman (2005), Erll & Nünning (2008), Candau (2011), Hall (2015), Neumann (2008), além de outros, são utilizados como referencial teórico. O texto de White prova que a rememoração e a configuração do “si” são duas peças do mesmo quebra-cabeça.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Literatura australiana; Memória; Patrick White.

ABSTRACT: In *The Solid Mandala* (1966), the Australian author Patrick White builds a narrative using an aesthetic configuration which is common to the representation of memory and identity in literary texts. Drawing on these two themes, this paper offers a possible and brief reading of the novel, exploring how the themes of memory and identity develop one in relation to the other, feeding each other. To perform the analysis, this paper focuses on the figure of the protagonists of the novel, the twin brothers Arthur and Waldo Brown. Key concepts from authors such as Bauman (2005), Erll & Nünning (2008), Candau (2011), Hall (2015), Neumann (2008), and others, are used as our theoretical background. White’s text proves that rememoration and the configuration of the self are two pieces of the same jigsaw.

KEYWORDS: Australian literature; Identity; Memory; Patrick White.

* Mestrando em Estudos Literários – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – 97105-900 – Santa Maria – RS – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: tiagoberesford@hotmail.com

** Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – 97105-900 – Santa Maria – RS – Brasil. E-mail: monicastefani@gmail.com

*** Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – 97105-900 – Santa Maria – RS – Brasil. E-mail: rosani.umbach@ufsm.br

Introdução

Nas palavras de Iván Izquierdo (2011, p. 11): “Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. Num sentido mais restrito, evocação é sinônimo de lembrar ou recordar o passado (IZQUIERDO, 2011). A literatura, como não poderia deixar de ser, presenteia seus estudiosos com modelos de recordação, ou seja, de representação do passado (NEUMANN, 2008). Afinal de contas, lembrar não diz respeito a uma reprodução fiel e exata de eventos e experiências ocorridos no passado, mas implica uma reconstrução, muitas vezes, incompleta, nebulosa e ambígua. Essa representação do passado poderá ser marcada também por falhas e deve trazer a perspectiva somente de uma testemunha ou de um grupo delas, podendo, portanto, excluir outros vetores. A esse respeito, Walter Benjamin (2014) escreveu que a História é contada sempre do ponto de vista dos vencedores, e nunca dos vencidos. Assim, lembrar é ressignificar o passado no tempo presente. Ou seja, passado é sempre presente (SARLO, 2017). Na literatura, estão representados também, ao lado da memória, diferentes configurações do “si”. Os textos estão repletos de personagens movidos por atribuir sentidos a sua identidade – ao mesmo tempo em que dialogam com diferentes espaços socioculturais. Diferentes formatações na narração do “si” podem surgir no encontro entre o entendimento do Outro e a administração da memória. Em *The Solid Mandala*, publicado em 1966, Patrick White utiliza-se de uma configuração estética comum à representação da memória e identidade em textos literários. Por exemplo, pode-se mencionar a utilização de narradores-personagens que rememoram de uma perspectiva presente, no tempo passado, em primeira pessoa ou o uso cronológico de analepses.

Nascido na Inglaterra, mas voltando à Austrália com seis meses de vida, Patrick Victor Martindale White (1912-1990) é um dos maiores representantes da Literatura Australiana, tendo sido agraciado, em 1973, com o mais importante prêmio literário que um escritor possa vir a receber, o *Nobel Prize in Literature*. Autor de 12 romances, 3 coleções de contos e 8 peças teatrais, tornou-se mundialmente reconhecido (WILLIAMS, 1993) com seu primeiro romance, publicado em 1929, sob o título de *Happy Valley*¹. Alguns de seus trabalhos mais famosos incluem *The Tree of Man* (1955)², responsável por levar o nome de White a um nível de reconhecimento internacional, e *Voss* (1957)³, seu romance mais analisado (STEFANI, 2011). Barnes (2014, p. 219, tradução nossa), em relação a White, comenta: “Não é surpreendente que um escritor novo e original deixe os críticos debatendo-se, confusos e incertos, lutando para se orientarem”⁴. Ademais, Patrick White tinha formação acadêmica na área de Letras (Francês e Alemão) pela Universidade de Cambridge, o que poderia justificar a presença de modelos literários em seus textos que desafiam a percepção de leitores comuns.

¹ Texto ainda sem tradução para a língua portuguesa.

² Texto traduzido para o português sob o título de *A Árvore do Homem* por Cárdirgos dos Reis e publicado em 1981.

³ Texto traduzido para o português brasileiro sob o título de *Voss* por Paulo Henriques Britto e publicado em 1985.

⁴ No original: “It is hardly surprising that a new and original writer leaves critics floundering, confused, and uncertain, struggling to get their bearings.” (BARNES, 2014, p. 219).

Em *The Solid Mandala*, o leitor conhece a história de dois irmãos gêmeos, Arthur e Waldo Brown, que migraram com seus pais, Anne Quantrell e George Brown, da MetrÓpole (isto é, da Inglaterra), passando a desbravar e a (con)viver no subúrbio ficcional de Sydney, chamado Sarsaparilla, na primeira metade do século XX (STEFANI, 2011). Uma das características marcantes do romance é justamente a forma como as dimensões ficcionais dos personagens principais são construídas em um jogo de oposições, por exemplo, razão *versus* emoção. De acordo com o próprio White (WHITE, 1981, p. 34), *The Solid Mandala* representa, poeticamente falando, a dicotomia entre luz e escuridão em relação ao “si” do próprio artista⁵. Embora traga a perspectiva dos dois irmãos, o foco narrativo permanece, na maior parte do tempo, centrado em Waldo, caracterizado como o intelectual da família Brown (BLISS, 1986). No ponto de vista de outro escritor australiano, Christos Tsiolkas (2019), White contribuiu significativamente para a formação de uma literatura australiana genuína ao escrever três dos romances mais representativos do século XX, dentre eles *The Solid Mandala*. Já de acordo com Bliss (1986, p. 115), o romance, “[...] de forma penitencial, expõe o artista a si mesmo e explora a relação intrínseca da arte com a vida”⁶. Nesse sentido, percebe-se como os dramas familiares envolvendo os irmãos Brown são abordados, sublinhando a falta de comunicação entre os integrantes da família – de forma que enfatiza o casal e os gêmeos como dois polos de comunicação na narrativa – e a experiência da melancolia. O texto já foi traduzido e publicado em diversos idiomas, como o espanhol (que já conta com duas versões, a mais recente de 2016), o francês e o italiano (STEFANI, 2011). Recentemente, foi traduzido também para o português brasileiro, por Stefani (2017), como parte de sua pesquisa de pós-graduação intitulada ‘*The Translation of Patrick White’s The Solid Mandala into Brazilian Portuguese: An Analysis Based on Social, Historical and Cultural Aspects*’.

Os irmãos Waldo e Arthur compartilharam de sua infância, juventude, vida adulta e velhice, com exceção à forma como escolheram lidar com o mundo à sua volta (BARUA, 2006). Dividido em quatro capítulos, inicialmente, o romance de White introduz a família Brown da perspectiva de um narrador extradiegético, que acompanha a Sra. Poulter – vizinha da família Brown – e a Sra. Dun em uma viagem de ônibus; no segundo capítulo, as memórias de Waldo são revisitadas pelo próprio protagonista (que dá nome ao capítulo), enquanto, no terceiro capítulo, quem rememora é Arthur (que também dá nome ao capítulo); já o último capítulo explora os eventos da perspectiva da Sra. Poulter no tempo presente. Essa mudança de pontos de vista na narrativa, segundo Neumann (2008), é uma das técnicas literárias comumente utilizadas nas ‘*Memory Fictions*’⁷. Para Neumann (2008, p. 335): “Caracteristicamente, as ficções de memória são apresentadas por um narrador reminiscente

⁵ No original: “I did not question the darkness in my dichotomy, though already I had begun the inevitably painful search for the twin who might bring a softer light to bear on my bleakly illuminated darkness.” (WHITE, 1981, p. 34).

⁶ No original: “[...] penitentially’ exposes the artist to himself and explores the intricate relationship of art to life.” (BLISS, 1986, p. 115).

⁷ A tradução deste termo para o português brasileiro poderia ser ‘Ficções de Memória’. Textos que podem ser caracterizados como tais incluem relatos de viagem, autobiografias, biografias, diários de guerra, testemunhos, dentre outros.

ou figura que olha para trás em seu passado, tentando impor significado nas memórias que emergem de um ponto de vista do presente”⁸. Inevitavelmente, falar de memória também pressupõe falar sobre identidade. Sem memória, o indivíduo perde sua identidade (CANDAU, 2011). Logo, é na memória que a personalidade do sujeito pode encontrar sua origem e o sentimento de continuidade temporal (CANDAU, 2011).

Como explicitado, os dois capítulos intermediários do romance são narrados do ponto de vista de cada um dos irmãos. Dessa forma, ambos rememoram de maneiras diferentes um ponto em comum: uma vida juntos. Afinal de contas, lembrar é sempre um processo que implica não a reprodução de uma sucessão de fatos lineares, mas reconstrução. Lembrar é representar. Tendo isso em vista, torna-se problemático para o leitor investir na construção de uma gênese de sentido desse texto sem preocupar-se com esse aspecto da formatação da memória dentro da narrativa. O mesmo deve ser considerado quanto à identidade – encenada com base em referências construídas socioculturalmente e que estão presentes no texto.

São inúmeras as razões para analisar o tópico memória e identidade nesse romance de Patrick White, mas três merecem destaque para justificar este empreendimento intelectual. O primeiro deles diz respeito à significância atribuída a White quando se tem em mente um cânone da literatura de expressão australiana. Ou seja, o autor é uma peça essencial para que uma herança cultural – como a Literatura Australiana – não se perca no esquecimento. Embora o autor tenha recebido prêmios e atenção por parte da crítica especializada, sua obra ainda permanece no Arquivo – aquilo que não circula, mas que ainda não se perdeu inteiramente – a exemplo disso, pode-se citar o Brasil –, quando comparado a outros escritores do século passado que comumente são associados a uma ideia de um cânone literário universal, como James Joyce (1882-1941) ou Virgínia Woolf (1882-1941). Assim, White está à espera de que novos leitores o (re)descubram e consigam movimentar, de forma progressiva, o mercado editorial em relação aos textos produzidos por ele (por meio de novas traduções ou de análises de sua ficção no Brasil). Isso ajudaria a manter seus títulos na memória do presente e contribuiria para a construção de uma identidade da Literatura Australiana. De fato, o pico de maior interesse no trabalho de White deu-se nos anos 1970 quando o escritor teve seu nome canonizado pelo recebimento do Nobel (SCHEIDT, 1997). Em *‘The Life of Patrick White’*, Stewart (2012) disse, no centenário do autor em 2012, que, no mundo acadêmico e no mercado editorial australiano, Patrick White permanece *“a lost memory”*:

[...] ele tem um lugar absolutamente assegurado entre os grandes romancistas da próxima divisão - Beckett, Nabokov e Waugh. O problema é que mil vezes mais pessoas no mundo estão cientes de seu trabalho do que jamais leram Patrick White. (STEWART, 2012, p. 2, tradução nossa)⁹.

⁸ No original: “Characteristically, fictions of memory are presented by a reminiscing narrator or figure who looks back on his or her past, trying to impose meaning on the surfacing memories from a present point of view.” (NEUMANN, 2008, p. 335).

⁹ No original: [...] he has an absolutely secure place among the great novelists in the next division – Beckett, Nabokov and Waugh. The trouble is that a thousand times more people in the world are aware of their work than have ever read Patrick White (STEWART, 2012, p. 2).

Essa relação entre leitor e o Cânone/Arquivo abre discussão para uma dimensão de grande importância no que se refere à produção da gênese de sentido dentro dos Estudos Literários. O segundo motivo diz respeito à necessidade de uma revisão e atualização da fortuna crítica em torno de White visando, dessa forma, a contribuir ainda mais para uma tradição de pesquisa já estabelecida mundo afora. O terceiro ponto são os poucos estudos já realizados sobre o autor, particularmente na América do Sul. Há trabalhos como o de Scheidt (1997), Alexander (2006) e Stefani (2011) realizados em solo brasileiro, mas, até o presente momento, poucas pesquisas enfocam a relação entre memória e identidade em *The Solid Mandala*, ou em qualquer outro romance do escritor.

Cabe a este trabalho oferecer uma leitura breve do romance *The Solid Mandala*, de Patrick White, buscando explicitar, na evolução da narrativa, a forma como as temáticas da memória e da identidade desenvolvem-se uma em relação à outra, retroalimentando-se. Para isso, este artigo focaliza a figura dos protagonistas do romance, os irmãos gêmeos Waldo e Arthur Brown. Conceitos-chave de autores como Bauman (2005), Erll & Nünning (2008), Candau (2011), Hall (2015), Neumann (2008), além de outros, são utilizados para discutir a questão tanto da memória quanto da identidade no texto literário selecionado. O artigo estrutura-se da seguinte forma: 1) apresentação da análise contendo alguns excertos do romance de White e conceitos-chave do referencial teórico; 2) retomada dos objetivos seguido de um esboço dos resultados e sua discussão; e 3) exposição da base teórica consultada e citada no corpo do texto.

Waldo Brown

White tece a narrativa de *The Solid Mandala* construindo um jogo de oposições entre os irmãos Brown. A condição de Waldo como intelectual e literato da família, ao lado de seu pai, George, não aparece, em um primeiro momento, ameaçada por Arthur, que, ao contrário do irmão (no capítulo narrado por Waldo) é lembrado como sendo melhor com números do que com letras (STEFANI, 2011). No entanto, reconhecer a si próprio e ser reconhecido como o leitor da família não é suficiente para o protagonista, que deseja mais do que alcançar um status semelhante ao de seu pai (STEFANI, 2011). Waldo apresenta uma personalidade gananciosa e egocêntrica: é como se ele apenas exigisse do mundo, sem estar disposto a ceder algo em troca: “Ele odiava quase todos, mas acima de tudo, sua família”¹⁰.

A intenção de Waldo de tornar-se um escritor surge frequentemente na narrativa: “[...] e isso pode ajudar [...] a entender melhor os sentimentos e as reações do personagem em relação à própria família (principalmente ao irmão gêmeo) e aos seus conhecidos.” (STEFANI, 2011, p. 53 – tradução nossa)¹¹. Sua visão sobre a escrita ficcional, no entanto, é idealizada, ao ponto de acreditar que ter boas ideias é o suficiente. Com isso, o personagem nutre, em seu

¹⁰ No original: “He hated almost everyone, but above all, his family.” (WHITE, 1974, p. 80).

¹¹ No original: “[...] and this might help [...] to better understand Waldo’s feelings and reactions towards his own family (mainly to his twin brother) and his acquaintances.” (STEFANI, 2011, p. 53).

íntimo, o desejo de tornar-se um escritor reconhecido, esquecendo-se, entretanto, do quanto o processo exige dedicação e conhecimento técnico que não possui (STEFANI, 2011).

O retrato que Waldo pincela de si mesmo – como escritor – é uma das imagens que compõem, dessa forma, os vários estratos de sua identidade multifacetada. Na visão de Hall (2015), por exemplo, o sujeito não é dotado de uma identidade única e monolítica, pelo contrário, ela é fragmentada e fluida. O mesmo pode ser dito em relação à identidade de Waldo que adota o universo das Letras como um ponto de referência para tecer sua narrativa do “si”. A partir disso, o protagonista tenta fabricar uma identidade que possa chamar somente de sua, pois tamanho é o desejo de não ser mais definido em relação ao irmão. Isso fica evidente quando Arthur, entusiasmado com a ideia de Waldo escrever uma tragédia, pede a Waldo que o deixe fazer parte da encenação. Porém, Waldo não permite a aproximação do irmão:

Pois ele sabia ser algo que ele não poderia suportar compartilhar com seu irmão, cuja respiração ele ouvia sempre que acordava à noite, o irmão que olhava quase que diretamente dentro dele quando eles abriam os olhos nos travesseiros gêmeos pela manhã (WHITE, 1974, p. 39)¹².

Este excerto revela o incômodo de Waldo em relação ao irmão identificar-se com signos culturais, como a tragédia grega, que ele tenta apropriar-se para si, para construir sua identidade. Waldo sente-se constantemente atacado pela existência do irmão, por ter sua existência lembrada sempre em relação ao “Outro”. Existe um apagamento de sua individualidade como sujeito. A presença de Arthur, para Waldo, é um assalto à sua identidade e à sua inteligência (BRUGMAN, 1988). Dessa forma, Waldo passaria a se definir menos em relação à figura de Arthur, visto que, desde a infância, ele é lembrado em relação ao “Outro”, pois é constantemente associado com a condição de “gêmeos”¹³.

Ao lado do promissor Waldo, Arthur tendia a apagar-se. Começou a trabalhar para o Allwright, ambos atrás do balcão, e na entediante entrega dos pedidos depois que o Allwright o ensinou a dirigir. Arthur era bom com os animais; era talvez natural para eles aceitarem alguém que era apenas metade de um ser humano. Era triste para os Browns, para não dizer um verdadeiro deficiente para um menino excelente como Waldo, que, eles diziam, era o gêmeo do outro, não daria para acreditar (WHITE, 1974, p. 75)¹⁴.

Salienta-se que o processo de construção da identidade concretiza-se a partir das interações sociais nas quais o indivíduo participa ao longo de sua vida e por meio das quais é

¹² No original: “Because he knew this was something he could not bear to share with his brother, whose breathing he used to listen to whenever he woke in the night, the brother who looked almost right inside him when they opened their eyes on twin pillows in the morning” (WHITE, 1974, p. 39).

¹³ No original: “Twins”.

¹⁴ No original: “Beside the promising Waldo, Arthur tended to fade out. Began to work for Allwright, both behind the counter, and in the sulky delivering the orders after Allwright taught him to drive. Arthur was good with animals; it was perhaps natural for them to accept someone who was only half a human being. It was sad for Browns, not to say a real handicap to a fine boy like Waldo, who, they said, was the twin of the other, you wouldn't believe it” (WHITE, 1974, p. 75).

capaz de construir redes de significado (BAUMAN, 2005; HALL, 2015; KEUPP *et al.*, 2002; MATHIAS, 2013). A partir disso, complexos temáticos são formados pelo sujeito - uma identidade profissional, identidade privada, identidade artística, etc. - a partir da junção, interpretação e integração das experiências em sociedade (BAUMAN, 2005; HALL, 2015; KEUPP *et al.*, 2002; MATHIAS, 2013). Dentro desses pressupostos, de fato, é possível enxergar Waldo como uma figura preocupada em circular por complexos temáticos em que o irmão Arthur não seja incluído. Assim, o protagonista insiste na ideia de tornar-se escritor. Em outro momento da narrativa, Waldo como narrador-personagem relembra a escrita e a leitura de um ensaio de sua autoria em sala de aula: “Chegando às partes que ele sabia serem as melhores, Waldo sentia seu coração sufocar sua garganta, até ele quase não conseguir pronunciar as palavras”¹⁵. Embora um entusiasta da literatura, no entanto, parece mais preocupado em provar que sabe escrever em vez de viver a experiência de ler um ensaio ou recitar um poema. O sentimento de inferioridade de Waldo em relação ao “Outro” é marcado nesse evento. De acordo com Stefani (2011, p. 47), “Waldo talvez prove que a suprema habilidade com as palavras, às vezes, não é muito eficaz, principalmente quando faltam sentimentos verdadeiros”¹⁶. O protagonista precisa ser o melhor, o melhor irmão ou até mesmo o melhor da turma ao comparar-se com outro colega, Johnny Haynes, por quem constantemente sente-se ameaçado intelectualmente, em especial após a leitura de seu ensaio em sala de aula: “Waldo estava nem tanto ouvindo mas observando as costas de Johnny Haynes, se perguntando o quanto Johnny havia ouvido”¹⁷.

De acordo com Stefani (2011, p. 56), a vida de Waldo: “[...] só acontece em um plano idealizado, e ele não faz quaisquer esforços para transformar essa idealização em realidade”¹⁸. Assim, Waldo passa a escrever um grande número de rascunhos, mas nunca, de fato, termina algum deles (STEFANI, 2011). O personagem até mesmo faz de tudo para esconder sua atividade literária do irmão, tanto que, ao ser interrogado por Arthur sobre o que estaria escrevendo, Waldo nem ao menos consegue resumir em uma única e simples frase do que trata sua escrita. Ou seja, nem mesmo o próprio Waldo decide sobre o que pretende escrever:

Arthur sentiu a necessidade de perguntar: - O que você está fazendo, Waldo?
Quando ele havia considerado o suficiente, Waldo respondeu: - Estou escrevendo.
— Sobre o quê? – perguntou Arthur.
— Não sei – Waldo respondeu, sinceramente (WHITE, 1974, p. 81)¹⁹.

¹⁵ No original: “Coming to the bits he knew to be the best, Waldo could feel his heart choking up his throat, till he almost couldn’t bring out the words.” (WHITE, 1974, p. 43).

¹⁶ No original: “Waldo perhaps proves that the supreme ability with words is sometimes not very effective, mainly when they lack true feelings.” (STEFANI, 2011, p. 47).

¹⁷ No original: “Waldo was not so much listening as watching Johnny Haynes’s back, wondering how much Johnny had heard.” (WHITE, 2007, p. 44).

¹⁸ No original: “[...] only happens in an idealized plan, and he does not make any efforts to transform that idealization into reality.” (STEFANI, 2011, p. 56).

¹⁹ No original: “Arthur felt the need to ask: “What are you doing Waldo?” When he had considered long enough, Waldo answered: “I am writing.” “What about?” Arthur asked. “I don’t know,” Waldo answered, truthfully” (WHITE, 1974, p. 81).

Como se não bastasse, Waldo é constantemente afetado com descobertas que só viemos a saber, como leitores, por meio de inúmeros flashbacks na narrativa de White, o que parece corroborar a ideia de memória, fragmentação e identidade. Pensando especificamente no personagem Waldo, em uma das cenas mais representativas de *The Solid Mandala* (a saber, quando Waldo, durante sua jornada de trabalho na biblioteca, descobre que Arthur, disfarçado, frequenta o espaço há um certo tempo para ler – e principalmente, entender – nada menos do que *Os Irmãos Karamazov*, de Fiodor Dostoiévski), Brugman (1988, p. 205, tradução nossa) menciona que “O ego machucado de Waldo é finalmente fragmentado quando ele descobre seu irmão [...] ativamente ocupado lendo na biblioteca, seu próprio *sanctum sanctorum*”²⁰.

Após juntar, interpretar e integrar diversos elementos em uma rede de significados, é provável que a identidade tecida pelo indivíduo encontre não só a estabilidade, mas também instabilidade (MATHIAS, 2013). Essa instabilidade pode ser causada por contradições/incoerências na relação entre os signos culturais unificados em grupos temáticos (MATHIAS, 2013). Quando descobre, por exemplo, que Arthur é também (ou melhor, foi quem primeiro conseguiu se tornar) amigo da família Feinsein e ainda mais próximo de Dulcie Feinsein, Waldo – que revela ter intenções de casar-se com ela - sente outro domínio da sua existência sendo invadido pelo irmão. Assim, Waldo tem dificuldade em alinhar alguns setores da sua identidade com outros, causando, conseqüentemente, um conflito entre esferas distintas. Para Mathias (2013):

[...] em alguns estratos da identidade, o sujeito pode apresentar grande estabilidade, ao passo que, em outros, contradições e incoerências podem simultaneamente atormentá-lo, dificultando a fluidez da narração identitária (MATHIAS, 2013, p. 164).

Waldo é um ser introvertido que tenta encontrar sua identidade por meio da memória, no entanto, não obtém sucesso (BRUGMAN, 1989). Nas palavras de Brugman (1989, p. 202): “Waldo descobre apenas a escuridão quando examina o seu eu interior”²¹, e isso se deve muito à sua visão de mundo, que oscila mais para a fantasia do que para o real, sem encontrar um equilíbrio entre os dois mundos, como no poema “*Birches*”, de 1916, do poeta norte-americano Robert Frost (1939).

Arthur Brown

Em relação ao outro irmão, Arthur, sua identidade intelectual é ofuscada pela tentativa de Waldo em tornar-se escritor. No entanto, como lembrado por Stefani (2011, p. 62, tradução nossa): “Ao contrário de Waldo, que parece usar a leitura como uma forma de se exibir, Arthur revela seu desejo de realmente entender o que lê, apesar de Waldo achar isso

²⁰ No original: “Waldo's bruised self is finally fragmented when he discovers his [...] brother actively busy reading in the library, his own sanctum sanctorum.” (BRUGMAN, 1988, p. 205).

²¹ No original: “Waldo discovers only darkness when he examines his inner self.” (BRUGMAN, 1989, p. 202).

uma tarefa impossível.²²”. Dessa forma, Arthur passa a ser construído na narrativa como um personagem mais próximo da natureza e com o trabalho braçal do que preocupado com seu desenvolvimento intelectual. Neste trecho fica evidente como Arthur negligencia essa esfera de sua identidade comparando-se a seu irmão: “Arthur nunca conseguia ter tempo livre como seu irmão para ler livros.²³”.

Além disso, Arthur ainda atribui-se a tarefa de tomar conta de Waldo, servindo de protetor, como o próprio narrador-personagem relembra:

Era o tipo de momento em que Arthur percebia que teria de proteger seu irmão, que era inteligente demais pela metade, que lia ensaios em voz alta na aula, que gostava de livros, e que dizia ser o queridinho da mãe deles. Por causa de tudo isso, Waldo precisava de defesa contra ele mesmo e os outros. Estava tudo muito bem segurar a mão de seu irmão porque Waldo era aceito pelo mundo retesado, de asseio e respostas rápidas, de pontualidade e regras infringíveis (WHITE, 1974, p. 229)²⁴.

Como consequência, ele não se permite mergulhar nos livros tanto quanto seria possível se Waldo não estivesse sempre por perto: “Ele nunca teria sido capaz de proteger Waldo se ele, também, tivesse se exposto assim e se enfraquecido. Arthur somente conseguia ver um livro secretamente.²⁵”. De acordo com Stefani (2011), escrever, para Arthur, trata-se de:

[...] um ato de culpa, já que o único que supostamente faria isso é seu irmão. Arthur tem qualidades para realmente se tornar poeta, mas sua atividade literária é (pelo menos psicologicamente) frustrada, pois todos o consideravam incapaz de desenvolver seu talento literário [...]. (STEFANI, 2011, p. 63).²⁶

Ao contrário de Waldo, Arthur rememora o irmão com afeição, mas também com piedade: “Mas o coitado do Waldo era tão diferente, e tão frágil²⁷”. Arthur relembra que a visão de Waldo sobre ele não é validada: “Ele não estava doente. Ele não tinha ficado doente. Waldo era o doente, eles diziam, Arthur sempre havia sido forte. Assim ele deve continuar a ser²⁸”.

²² No original: “Unlike Waldo, who seems to use reading as a way to show off, Arthur reveals his desire to really understand what he reads, even though Waldo thinks that an impossible task.” (STEFANI, 2011, p. 62).

²³ No original: “Arthur could never take time off like his brother reading books.” (WHITE, 1974, p. 229).

²⁴ No original: “It was the kind of moment when Arthur sensed he would have to protect his brother, who was too clever by half, who read essays aloud in class, who liked books, and who was said to be their mother’s darling. Because of it all, Waldo needed defending from himself and others. It was all very well to hang on to your brother’s hand because Waldo was accepted by the tight world, of tidiness and quick answers, of punctuality and unbreakable rules.” (WHITE, 1974, p. 229).

²⁵ No original: “He would never been able to protect Waldo if he, too, had so exposed and weakened himself. Arthur could only afford to look up a book on the sly.” (WHITE, 1974, p. 229).

²⁶ No original: “[...] is a guilty act, since the only one who is expected to do it is his brother. Arthur has the qualities to actually become a poet, but his literary activity is (at least psychologically) thwarted, since everyone considered him incapable of developing his literary talent [...]”. (STEFANI, 2011, p. 63).

²⁷ No original: “But poor Waldo was so different, and so frail.” (WHITE, 1974, p. 229).

²⁸ No original: “He wasn’t sick. He hadn’t been sick. Waldo was the sick one, they said, Arthur has always been strong. So he must continue to be.” (WHITE, 1974, p. 215).

Pelos olhos de Waldo, o leitor não consegue conectar-se ao personagem, mas no capítulo narrado por Arthur, a conexão emocional com ele é instantânea por meio da forma poética com que o personagem abre o capítulo, demonstrando, portanto, que sua inclinação para a poesia é quase que natural: “No começo havia o mar de sono de um azul tal no qual eles repousavam juntos com bolos gelados e os fragmentos de vidro aninhando nos braços um do outro as ondas felpudas de sono roçando neles como animais.” (WHITE, 1974, p. 215)²⁹.

Para qualquer indivíduo, ao afirmar sua identidade, é preciso recorrer à memória (CANDAU, 2011). É justamente o que Arthur encena em seu capítulo como narrador-personagem: ao reconstruir seu passado por meio das lembranças, ele atribui significados e sentidos ao “si” no presente. A memória seria então a base sobre a qual cada indivíduo se debruça e constrói sua identidade de forma contínua. Para Erll & Nünning (2008), memória e identidade são duas instâncias intimamente conectadas. Não existe, portanto, uma identidade monolítica como acreditava-se no passado, como no sujeito do iluminismo descrito por Hall (2015). Caso contrário, Arthur teria permanecido como o irmão sem proximidade alguma com a leitura. Dessa forma, identidades são construídas por atos de memória, relembrando quem um sujeito foi e localizando esse “si” do passado em relação a seu “si” no presente (ERLL & NÜNNING, 2008).

Considerações finais

Patrick White, em *The Solid Mandala*, prova ser uma figura significativa tanto para a Literatura Universal quanto para a Literatura Australiana. Sua escrita traduz-se em uma enorme sensibilidade artística: adentra e explora a mente e as emoções humanas em profundidade, revelando um efeito catártico intenso. Não por acaso, este título é um dos romances mais intrigantes, segundo a crítica especializada. White configura quadros da memória individual ao dar vida à narrativa dos irmãos Brown na primeira metade do século XX no continente australiano. É por meio dessa coleção de experiências e eventos em torno da vida de Waldo e Arthur, que, em paralelo, um esboço sobre a identidade desses dois personagens é traçado: trata-se de um estudo sobre como duas personalidades, ainda que tão próximas e conectadas, sejam tão dicotômicas. White concentra-se mais em mapear os confins da mente humana do que envolver seu leitor em uma sequência de grandes eventos. Disso resulta a experiência da memória e da identidade, do retorno ao passado e da configuração do “si”.

Tendo esses dois vetores em vista (memória e identidade), este trabalho procurou analisar a representação desses horizontes na obra *The Solid Mandala*, de Patrick White, com base em conceitos teóricos-chave levantados por Bauman (2005), Erll & Nünning (2008), Candau (2011), Hall (2015), Neumann (2008), dentre outros. Verificou-se que Patrick White utiliza-

²⁹ No original: “In the beginning was the sea of sleep of such blue in which they lay together with iced cakes and the fragments of glass nesting in each other’s arms the furry waves of sleep nuzzling at them like animals. Dreaming and dozing.” (WHITE, 1974, p. 215).

se de uma configuração estética comum à representação da memória e da identidade em textos literários, com narradores-personagens, no tempo passado, rememorando acontecimentos de suas vidas em primeira pessoa, ou com o emprego cronológico de analepses. Waldo e Arthur relembram, portanto, da infância até os últimos dias de sua existência.

É possível também afirmar que White prova que a rememoração e a configuração do “si” são duas peças do mesmo quebra-cabeça. Ou seja, como defendido por Candau (2011, p. 10): “[...] admite-se geralmente que memória e identidade estão indissolivelmente ligadas”. Quanto à configuração do “si”, fica claro que, na construção de uma identidade individual, contradições e incoerências entre esferas distintas podem ocorrer. Nas palavras de Bauman (2002, p. 36): “[...] ‘identificar-se com...’ significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar”. Fragmentada, a identidade pode entrar em desacordo e até mesmo em crise. Waldo não consegue, por exemplo, alinhar sua pouca disposição para com a escrita ficcional ao seu desejo incansável de tornar-se poeta. Já Arthur parece reprimir sua disposição quase que natural para com a arte em função de não sufocar ou machucar Waldo. As identidades de ambos os protagonistas são construídas em um jogo de oposições. Tendo isso em vista, os irmãos aparecem em busca de signos culturais que possam atribuir a si próprios com a finalidade de tecer uma rede de significados que possam então chamar de identidade. O personagem de Waldo, para Brugman (1988, p. 199, tradução nossa), “[...] não pode alcançar um equilíbrio entre o bem e o mal [...]. Como Arthur, a dualidade em si mesmo não está resolvida no momento de sua morte”³⁰.

Sempre que um indivíduo tenta responder à pergunta “quem eu sou?”, ele inevitavelmente acaba tomando o percurso em direção ao passado por meio de um processo mnemônico. A memória revela-se lábil, plástica e ambígua em *The Solid Mandala*. Nas palavras de Erll & Nünning (2008, p. 6, tradução nossa): “[...] identidades são construídas por atos de memória, lembrando quem um sujeito foi e localizando esse ‘eu’ do passado em relação a seu ‘eu’ no presente”³¹. Já para Candau (2011, p. 15), a memória participa de uma ilusão: “[...] o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”.

A maior parte da narrativa é dedicada às memórias de Waldo. Ele reconstrói o passado em tom pessimista, amargo e cruel, tendo como efeito um sentimento claustrofóbico para o leitor. Waldo quase sempre culpa a existência do irmão pelos seus próprios fracassos. Já Arthur rememora o irmão com apreço. É também uma surpresa descobrir que Arthur não só se interessa por ficção, mas como também apresenta uma inclinação quase que natural para a poesia. Ambos os irmãos encontram dificuldade em dividir uma esfera da identidade, a de “irmãos gêmeos”: é algo que os sufoca. O título do romance faz alusão à ideia de um todo composto por partes, a mandala, que, em um dos planos da narrativa, não se concretiza. Esses dois personagens deveriam formar uma unidade, mas são construídos

³⁰ No original: “[...] cannot achieve a balance between good and evil [...]. As with Arthur, the duality in his self is unresolved at the time of his death.” (BRUGMAN, 1988, p. 199).

³¹ No original: “[...] identities have to be constructed and reconstructed by acts of memory, by remembering who one was and by setting this past Self in relation to the present Self.” (ERLL & NÜNNING, 2008, p. 6).

em um jogo de oposições que os repelem constantemente. White, em sua autobiografia *'Flaws in the Glass'* (1981), relembra a construção de *The Solid Mandala* e associa a figura de Waldo a si mesmo: “Vejo os irmãos Brown como minhas duas metades. [...] Waldo é eu mesmo da forma mais fria e ruim”³².

PEREIRA, T. F.; STEFANI, M.; UMBACH, R. K. From Memory to Identity in Patrick White's *The Solid Mandala*. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 69-82, 2020. ISSN 2177-3807.

Referências

ALEXANDER, I. *Novos continentes: Relações Coloniais em O Continente e Voss*. 2006. 147 f. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1872>. Acesso em: 28 set. 2019.

BARNES, J. On reading and re-reading Patrick White. *The Cambridge Quarterly*, Oxford, v. 43, n. 3, p. 212-230, set. 2014. Disponível em: <https://academic.oup.com/camqtly/article/43/3/212/270673>. Acesso em: 28 set. 2019.

BARUA, K. The Androgyne: The ambiguity of existence in Patrick White's *The Solid Mandala* and *The Twyborn Affair*. *Consciousness, Literature and The Arts*, New York, v. 7, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://www.dmd27.org/barua.html>. Acesso em: 28 set. 2019.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura* (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 2014. p. 241-252.

BLISS, C. *Patrick White's fiction: The paradox of fortunate failure*. New York: Palgrave Macmillan, 1986.

BRUGMAN, A. P. *Torture in the country of the mind: A study of suffering and self in the novels of Patrick White*. 1988. 385 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – UOVF, África do Sul, 1988. Disponível em: <https://dspace.nwu.ac.za/handle/10394/10864>. Acesso em: 28 set. 2019.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

³² Tradução nossa. No original: “I see the Brown brothers as my two halves. [...] Waldo is myself at my coldest and worst.” (WHITE, 1981, p. 146-147).

ERLL, A.; NÜNNING, A. (Ed.). *Cultural memory studies: An international and interdisciplinary handbook*. New York: de Gruyter, 2008.

FROST, R. *Collected poems of Robert Frost*. New York: Halcyon House, 1939.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HERRING, T. Self and shadow: The quest for totality in *The Solid Mandala*. In: WILKES, G. A. (Ed.). *Ten Essays on Patrick White: Selected from Southerly (1964-1967)*. Sydney: Angus and Robertson, 1970. p. 72-85.

IZQUIERDO, I. *Memória*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KEUPP, H. et al. *Identitätskonstruktionen: das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/102>. Acesso em: 28 set. 2019.

MATHIAS, D. Identidade e narrativas culturais. *Guavira Letras*, Três Lagoas, n. 17, p. 164-188, ago.-dez., 2013. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/102>. Acesso em: 28 set. 2019.

MILLER, K. *Doubles: Studies in literary history*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

NEUMANN, B. The literary representations of memory. In: ERLL, A.; NÜNNING, A. (Ed.). *Cultural memory studies: An international and interdisciplinary handbook*. New York: de Gruyter, 2008. p. 333-343.

SARLO, B. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: UFMG & Companhia das Letras, 2007.

SCHEIDT, D. *All the difference in the world: Aspects of alterity in three novels by Patrick White*. 1997. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPR, Curitiba, 1997. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24565/D;jsessionid=FA09BD1FAFB481BFF56924F6805A8EB3?sequence=1>. Acesso em: 28 set. 2019.

STEFANI, M. *The translation of Patrick White's The Solid Mandala into Brazilian Portuguese: An analysis based on social, historical and cultural aspects*. 2016. 314 f. Tese (Doutorado em Literaturas Estrangeiras Modernas) – UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/156966/001016793.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 set. 2019.

_____. *You are what you read: Intertextual relations in Patrick White's The Solid Mandala*. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Estrangeiras Modernas) – UFRGS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_cbaa5ecbe5bd664c2271aebfa201b7f7. Acesso em: 28 set. 2019.

STEWART, E. *The life of Patrick White*. Sydney: Biblioteca Nacional da Austrália, 2012. Disponível em: https://www2.sl.nsw.gov.au/archive/events/exhibitions/2012/patrick_white/docs/Life_of_Patrick_White_exhibition_guide.pdf. Acesso em: 28 set. 2019.

TSIOLKAS, C. *On Patrick White: Writers on writers*. Melbourne: Schwartz Publishing, 2019.

WILKES, G. A. An approach to Patrick White's *The Solid Mandala*. *Southerly*, Sydney, v. 29, n. 2, p. 97–110, jun. 1969. Disponível em: <https://search.informit.com.au/documentSummary;dn=982884528828275;res=IELLCC>. Acesso em: 28 set. 2019.

WILLIAMS, M. *Modern novelists: Patrick White*. Londres: Macmillan Education, 1993.

WHITE, P. *Flaws in the glass: A self-portrait*. Londres: Penguin, 1981.

_____. *The Solid Mandala*. Sydney: Penguin, 1974.

Recebido em: 25 abr. 2020

Aceito em: 21 mai. 2020